

INDIVIDUALISMO E SOLIDARIEDADE HOJE

(ensaio)

VI JOGOS FLORAIS

Junta de Freguesia de Amora

3.º Prémio

Dezembro de 1994
joaquim evónio

Individualismo e Solidariedade Hoje

O Pão, quando nasce, é para todos.

Ou será o Sol?

As noções ou conceitos de individualismo e solidariedade podem, de certo modo, estar ligados, por analogia, aos de egoísmo e altruísmo.

Há todavia quem defenda que o altruísmo não passa duma forma sofisticada de egoísmo, donde, a solidariedade não deixaria de ser, à luz da mesma abordagem, uma forma mais ou menos elaborada de individualismo.

Por outro lado, ambos os conceitos em presença também têm as suas projecções na comunidade, com afloramentos visíveis que se podem, respectivamente, designar de etnocentrismo e solidariedade internacional.

Nesta linha, ainda hoje o etnocentrismo dá mostras de certa vitalidade, pois, uma vez abandonados os grandes impérios dos tempos coloniais, permanece, duma forma eventualmente mais branda mas não menos eficaz, a influenciar a economia e a política dos novos países segundo os modelos do velho ou do novo mundo, que, porventura, não serão os melhores nem os mais adequados para os países onde pretendem implantá-los, a maior parte das vezes sem respeito pelos valores ancestrais ou hodiernos da sua própria cultura.

Entenda-se aqui o conceito de cultura como de "*herança cultural*", de "*tradição*", e não como aquele com que muitas vezes é confundido de "*enlightenment*", de extracção britânica, praticamente sobreponível ao virtuosismo com que se armazenam conhecimentos práticos ou literários.

À luz da abordagem atrás referida, a solidariedade internacional não deixaria de ser uma forma de etnocentrismo e os próprios políticos declaram que, em política internacional, não se fazem favores; logo, continuará a prevalecer a defesa intransigente dos interesses do Estado que toma a posição activa de "*ajudar*" os outros.

De resto, já no início dos anos 60, o economista francês *François Perroux*, que também foi um prestigiado docente da Universidade de Coimbra, afirmava, na sua obra

"*L' Économie des Jeunes Nations*", que os mercados comuns eram a forma mais moderna e sofisticada de neocolonialismo. A ajuda externa não se destinava a apoiar obras prioritárias na perspectiva do país receptor mas, pura e simplesmente, a criar estruturas ou infra-estruturas de interesse primordial e estratégico para o país financiador.

Outra teoria, denominada "*Sociobiologia*", de que foi grande expoente e criador o britânico *Edward O. Wilson*, na perspectiva dum verdadeiro darwinismo social, fazia radicar o individualismo na própria genética, defendendo, por exemplo, que uma galinha não é mais do que um meio para produzir ovos, ou seja, para perpetuar os genes.

O gene seria, e particularmente o *ADN* que o integra, o valor supremo a que os seres, incluindo o homem, prestariam obediência dum forma automática e definitiva, o que explicaria, inclusivamente que, quando um pai arrisca a vida, de forma alegadamente altruísta, para salvar um filho em perigo, está mais motivado pela salvação de 50% dos seus genes do que por qualquer outra razão ponderosa de ordem valorativa ou cultural. Se se tratasse de salvar um sobrinho, onde se repercutem apenas 25% dos seus genes, já a hesitação seria maior e, em caso de opção entre ambos, a decisão apontaria inevitavelmente para preferência do primeiro.

Onde cabem então os actos heróicos a que assistimos tantas vezes, de que são exemplo mais comum as acções tradicionais dos generosos soldados da paz, os bombeiros, que têm por lema "*vida por vida*", o que é perfeitamente anacrónico à luz desta teoria? Será que esta forma de solidariedade activa por excelência também radica na satisfação egoísta de prestar um serviço com implicações químicas no bem-estar do próprio ego?

Ou existirão razões culturais profundas, decorrentes da vocação e da educação, quando parece fácil descortinar que, na personalidade dum bombeiro, coexistem de forma harmónica sentimentos de solidariedade que se exprimem através de um espírito humanitário, ecológico e hipocrático?

Os comportamentos humanos reservam às vezes certas surpresas, como, por exemplo, em situações de catástrofe ou calamidade: quando alguns apontam para o que seria um natural sentimento de pânico e afloramento incontrolado dum instinto de sobrevivência pessoal e egoísta, diversos estudos baseados em estatísticas revelam, pelo contrário, como sublinha *Quarantelli*, que é nessas situações que surgem mais espontâneas e desenvolvidas as expressões de solidariedade e o esbatimento de reacções sociais ou grupais que durante a rotina dividem ou separam os homens uns dos outros.

O que vem confirmar, de facto, que em situação de necessidade tudo é de todos e que existem factores de base não biológica, ou sociobiológica, que comandam e determinam aquelas acções.

Debrucemo-nos ainda sobre o caso, aliás recente, dos "*dadores de órgãos*."

Enquanto alguns consignaram, inclusivamente na lei, que essa forma de solidariedade deveria funcionar pela negativa, outros, designadamente o *Conselho Episcopal*, vieram a terreno repor a autenticidade da noção de solidariedade, em termos que apontam para a expressão voluntária e volitiva do acto, razão pela qual a "dádiva" pela fórmula do silêncio não deixaria de constituir uma apropriação indevida, a gestão de algo para que os seus eventuais gestores não se encontrariam moralmente mandatados.

E, para este enquadramento concreto, o expoente máximo da solidariedade, seria, sem dúvida, a doação de um órgão par, durante a própria vida do doador, quando um semelhante tivesse dele uma necessidade premente para poder sobreviver.

A camaradagem é também uma forma de solidariedade. Postas de parte algumas das suas interpretações erróneas, como as que se confundem com a cumplicidade, o nepotismo, o clientelismo, o corporativismo e outras quejandas, entendamo-la como o acto de uma pessoa que, à custa dum determinado sacrifício voluntário da sua parte, vai permitir um benefício significativo, superior ao seu próprio sacrifício, para a outra parte.

A informação e a pedagogia também podem ser formas de solidariedade, dependendo muito do espírito e da forma como forem realizadas.

Independentemente das "leis" sociológicas que regem estes dois fenómenos, pensemos numa das suas condições prévias e "sine qua non": ambas devem estar centradas igualmente no destinatário e no emissor, talvez pela razão simples de que constituem actos de comunicação, biunívocos e recíprocos, implicando um respeito mútuo sem reservas.

A informação que manipula em vez de formar e informar, que desobedece sistematicamente a um conjunto de valores não negociáveis, que se preocupa mais com o sucesso comercial do que com o fortalecimento da capacidade de opção dos seus destinatários, presta decerto um mau serviço à comunidade que justifica a sua própria existência.

Um pedagogo vale mais por aquilo que "é" do que por aquilo que "faz", por isso deveria ser-lhe sempre exigida a capacidade de criar uma situação pedagógica com os seus discentes ou com o seu auditório, percorrida por uma energia relacional interna propiciadora do diálogo, enquanto ponte de passagem de todas as ideias livremente expressas e reciprocamente discutidas.

Como dizia um dos maiores expoentes da literatura mundial (*Ivo Andric*, em "*A Ponte sobre o Drina*"), a melhor maneira de construir uma ponte é mostrar aos habitantes das duas margens que têm vantagem em encontrar-se: *e a ponte aparece feita*.

Mas, afinal, quais são as principais características dos dias em que hoje vivemos e de que modo poderão influenciar as manifestações de individualismo e de solidariedade?

Segundo *Tonnies*, sociólogo alemão, a Comunidade (*Gemmenshaft*) foi cada vez mais cedendo o lugar à Sociedade (*Gesselshaft*). Enquanto na primeira todas as pessoas se conheciam umas à outras – *éramos todos primos e primas* - e predominava uma verdadeira solidariedade por vizinhança, excelente atenuadora dos excessos de tendência individualista, na segunda ganhou indiscutível primado a solidariedade por divisão de trabalho e, nas urbes de certa dimensão, já nem se conhecem uns aos outros todos os moradores do mesmo prédio.

Por outro lado, a tecnologia avançada que hoje preside aos nossos destinos, suportada pela evolução explosiva da informatização, veio elevar exponencialmente a competitividade, entre empresas como entre indivíduos, o que, em conjugação com o desaparecimento progressivo da família extensa, substituída pela nuclear, de pais absentistas, não só contribuiu para um incremento do individualismo como eliminou, ou reduziu substancialmente pelo menos, as fontes de criação e transmissão de cultura que eram a família e o lar.

O que a sociedade moderna veio de certo modo reforçar foi a necessidade de reagir mais tecnicamente aos estímulos que a cada momento recebemos, quer se trate da pilotagem de aeronaves, quer da realização dos gestos correctos que nos protegerão em situações de risco.

Consequência da lacuna deixada pela formação familiar atrás referida, melhor ou pior complementada pela escola e, às vezes, pela Igreja, é o advento progressivo, por corresponder a necessidades manifestas de alguns sectores da comunidade, das denominadas *Organizações não Governamentais (ONG's)* ou das mais diversas *Instituições de Solidariedade Social*. O que parece constituir um exemplo claramente factual de que não é ao Estado, enquanto tal, que se considera atribuído o papel essencial de fomentar a solidariedade entre os homens e grupos de homens.

No caso particular da família, seria impensável há alguns decénios que assuntos como a "*Solidariedade entre as Gerações*" constituíssem o tema de tantos Encontros, Seminários, Workshops, "*Fora*" e outras formas de encontro para discutir soluções que, num passado não muito remoto, não precisavam de ser descobertas e emanavam naturalmente do diálogo e do respeito mútuos.

No que respeita à Igreja, ou melhor, às Igrejas, já mais frequentadas do que hoje na perspectiva da fé, não é difícil justificar a participação significativa, e talvez crescente no próximo século, que irão tendo as suas sessões, numa tentativa de colmatar o materialismo hodierno, através da dupla componente da fé, atractiva para o ser humano na perspectiva da sua falta de confiança em si próprio, e na alternativa das doutrinas sociais, criando espaços de diálogo e psicanálise colectiva aportadores de

perdão para o egoísmo crescente ou de bem-estar espiritual para defrontar a aridez cada vez mais insuportável do dia-a-dia.

"*Amar o próximo como a nós mesmos*" ou "*não faças aos outros o que não queres que te façam*" não deixam de ser expressões de uso habitual em certas áreas mas que, na maior parte das vezes, se desvanecem ao passar a porta do templo ou da sala de sessões para defrontar o habitual mundo-cão que nos espera cá fora.

Sobrará talvez a expressão muitas vezes ostentatória da caridade que, ao despir o seu véu de virtude, se mascara de "*caridadezinha*", produto normalmente cultivado à volta dos casacos de pele que emolduram as voluptuosas mesas dos chás-canasta. É tão confortável sentir pena dos outros quando se está bem instalado na vida...E, além do mais, tão compensador para o egoísmo, vestindo então o dominó carnavalesco de altruísta militante.

Outros, menos propensos a liturgias tradicionais, procurarão no campo das artes, da música, da poesia, do teatro, da pintura, da escultura, ou seja, no campo da ficção, os sucedâneos de que o seu ser necessita para não soçobrar no deserto do quotidiano.

Nada disso impede, e até aponta, para a expressão das componentes essenciais do comportamento humano: a psicológica, a social e a cultural.

Se a primeira se reporta ao comportamento do indivíduo enquanto tal, ser complexo situado algures no tempo e desconhecedor da sua origem e do seu fim, tentando satisfazer pulsões imediatas ou efémeras, conducentes à gestão dos acontecimentos numa perspectiva meramente individualista, há todavia que reconhecer que o ser humano não é uma ilha, vive em sociedade, e que daí decorrem necessariamente constrangimentos de ordem social.

Ora, sem seguir por inteiro a teoria de *Durkheim*, sem colocar o acento tónico, exclusivamente, ou de forma reducionista, na "*contrainte social*" que levaria o Homem a ter comportamentos, estatisticamente reveláveis, de carácter contrário aos seus próprios interesses pessoais, convenhamos no entanto que a liberdade de cada um está limitada pela liberdade dos outros e que, assim sendo, o modo de vida gregário do ser

humano cria obviamente limitações à expressão incontrolada da sua satisfação individual, matéria que pode ser estudada à luz das teorias da sociopsicologia.

Ao longo da história, muitas correntes filosóficas colocaram o acento tónico, sucessiva ou alternativamente, no egoísmo ou na solidariedade.

O *Super-homem* de *Nietzsche*, os estudos racistas de *Haushofer* da escola de Heidelberg, as teorias do espaço vital e da superioridade rracica, criaram protótipos de comportamento que o mundo civilizado diz rejeitar liminarmente mas que não o inibe de outras formas de xenofobia em franca expansão, provocadoras de holocaustos qualitativa e quantitativamente não muito diferentes dos que decorreram da "*solução final*".

Basta ver o que se passa de miséria, fome e epidemias por esse mundo fora, basta compreender quantas guerras são fomentadas, se não mesmo originadas, pelos produtores de material bélico, para que o nosso pensamento, se conduzido por uma preocupação de justiça, se sinta perfeitamente alarmado com o que, ainda hoje, somos capazes de fazer, ou consentir que se faça, uns aos outros. Quase sempre em nome do progresso dos poucos, indivíduos ou nações, que têm o privilégio de exportar a superioridade fecunda das suas convicções em defesa dos seus próprios interesses.

O egoísmo ou o individualismo de um só homem, se detentor de carisma e capacidade de liderança, perante uma sociedade sequiosa de poder e influenciável na medida em que lhe apresentem um "*menu*" promissor de auto-satisfação, pode levar a loucura individual a tornar-se colectiva: foi o caso de *Hitler* e do "*nazismo*", entre outros similares, objecto do que hoje se chama psico-sociologia histórica.

"...Nós, os iniciados, descobridores de arquétipos e paradigmas nunca antes suspeitados; nós, o povo eleito, fadado para as maiores grandezas da história, prosélitos da construção duma nova Humanidade..." Será que esta miséria humana continua?

A cultura, entendida, como atrás já foi referido, no sentido antropológico do termo – e desde os fins do século passado é reconhecido que não há culturas melhores do que outras - cria também ao ser humano um quadro de referências que limita a sua actuação se não quiser tornar-se um marginal.

Não foi por acaso que, já nos anos 60, *Carl Rogers*, no seu famoso livro "*Tornar-se Pessoa*", estabeleceu como "*fenómeno organísmico*" o resultado da interacção entre o indivíduo, os outros indivíduos e o ambiente em que todos vivem.

Hoje, na linha de pensamento de outros autores, poderíamos completar aquela asserção afirmando que o Homem, ser ecossistémico inserido, à semelhança dos seus pares e dos outros seres vivos, num Ambiente comum de carácter cada vez mais universal, é apesar de tudo o único ser neguentrópico, ou seja, aquele que, por acções de fundamento volitivo, está em condições de vencer o princípio da entropia e de, assim, provocar alterações de equilíbrio no próprio ecossistema.

O mesmo esforço de vontade, todavia, controlado cognitivamente, poderá ser o meio por excelência para preservar o Ambiente de que podem e devem desfrutar as gerações vindouras.

Atentemos por momentos na fenomenologia do voto nas sociedades democráticas. Deveria ser ele um acto perfeitamente individual ou, pelo contrário, revestir aspectos de solidariedade para com a comunidade cujos destinos estão em jogo durante cada acto eleitoral? Se se trata de um acto meramente individual, como se explica a persistência com que se manifesta a fidelidade ou pertença a determinados partidos? E se se trata de um acto em que deveriam intervir factores de solidariedade, por que não se vota em programas e pessoas que garantam a defesa dos interesses da maioria mas sim nos que dão resposta, ou a prometem dar, aos nossos interesses conjunturais, individuais ou corporativos?

E a criatividade, artística ou literária, será ela um acto individual, ou, pelo contrário, o resultado dum acumulado cultural em que já nada é de ninguém e o artista apenas exprime, como se lhe ditassem, uma obra sinérgica onde estão representados arquétipos e paradigmas não exclusivamente seus, constituindo apenas um filtro diferencial que lhes atribui perspectiva?

E a descoberta científica, não será também ela o resultado de muitas contribuições e conhecimentos acumulados apenas à espera dum "*clac*", duma interpretação ou leitura "*sui generis*" ?

Poderá então dizer-se que a criação e a descoberta são actos sociais, tendencialmente solidários com o saber pré-existente e que ao criador ou inventor apenas restou a originalidade de uma determinada abordagem heurística?

Terá realmente o Homem capacidade para criar algo "*ex novo*" ou de contentar-se em gerir à sua maneira o xadrez caleidoscópico de todo o adquirido cultural? E, uma vez consumado o resultado final do seu trabalho, terá a humildade suficiente para se manifestar solidário com todos os que, antes dele, percorreram os mesmos trilhos, deixando-lhe pistas indeléveis que o conduziram à vitória final sobre o relativamente desconhecido?

É saudável recordar que os objectivos das empresas modernas, caracterizadas por um denominador holístico ou abrangente, já não podem ser atingidos por uma pessoa só. O conhecimento generalista opõe-se ao especializado e isso ajuda decerto a compreender a natureza intersectorial e multidisciplinar que se depara à sociedade de hoje, quando pretende resolver uma questão de certa envergadura. As opções que se colocam já não são simples escolhas entre duas ou três hipóteses: passaram a ser múltiplas.

Isto exige um novo tipo de homem em cada função, mas todos eles capazes de reunir-se em trabalho de equipa, onde o indivíduo, embora não apagado, se esbate ou dilui o suficiente para ser enriquecido com a contribuição dos outros parceiros, provenientes eventualmente de áreas ou formações diversas mas propiciando que, no conjunto, de forma potenciada e sinérgica, se atinjam em tempo soluções que de outro modo seriam impensáveis. O que vem demonstrar à sociedade que, contrariamente aos primeiros tempos, experimentais, desta dinâmica de grupo, "*o camelo já não é o resultado final duma comissão que se propunha desenhar um cavalo*".

E aí está mais uma vitória da solidariedade sobre o individualismo.

Pela sua natureza bio-psíquica, parece não restarem dúvidas de que o ser humano está intrinsecamente vocacionado para acções de natureza individual e, tendencialmente, de patologia individualista, enquanto conflitantes com a expressão de tendências análogas dos seus pares e dos outros seres vivos.

O gregarismo, no entanto, tendência atávica, impõe limites às acções de carácter meramente individual, morigerando-as e estabelecendo regras de convivência pacífica intra-comunidade.

A aldeia mundial em que hoje vivemos aponta, além disso, para soluções inter-comunitárias de muito mais vasto alcance que, em última análise, poderiam ou deveriam configurar-se como uma transposição do antigo parentesco nas famílias extensas, que constituía um autêntico factor de sobrevivência e de segurança social, para as plagas mais longínquas ou menos desenvolvidas, através da criação e institucionalização de cadeias de solidariedade e redes de comunicação humanas, veiculadoras dum diálogo frutuoso que não nos leve a pensar o impensável, ou seja, que no dealbar do século XXI tivéssemos de retomar explicações de natureza "*malthusianista*" completamente ultrapassadas.

Acreditemos seriamente que, mau grado o pessimismo de vários estudos económicos, a Humanidade encontrará saída para o momentoso problema dos recursos a nível mundial, no respeito pelo Ambiente e pelas regiões menos desenvolvidas do globo. Remanescerá apenas a questão da distribuição, ou da redistribuição de recursos, pois não basta que a solidariedade internacional se manifeste pela atribuição de excedentes supérfluos, bem ao contrário, pelo estabelecimento duma quota mínima comum a todos os seres humanos que habitam o nosso planeta.

É neste campo, o da formação cultural de natureza solidária e dialogante que vale a pena apostar.

E não parece que venha a ser necessário criar estruturas governamentais específicas para fomentar a solidariedade individual ou social. Mau grado vivermos numa época em que a solidariedade individual, espontânea e fruto duma vida menos competitiva, terá naturalmente de ceder o lugar a uma solidariedade cada vez mais organizada.

Tudo se passa como se a solidariedade tivesse deixado de ser um fenómeno natural para passar a ser tecnológico. Já atrás referimos quanto as instituições de

solidariedade social têm vindo a tentar colmatar uma brecha que escapa às preocupações consideradas normais num Estado de direito.

Como se as principais funções do Estado não fossem, reconhecidamente, e muitas vezes com expressão constitucional, a Justiça, o Bem-estar e a Segurança.

A questão primordial que se coloca tem a ver com a cultura, e embora esta, pela sua própria natureza, seja tradicional e conservadora, a informação, a formação e o esclarecimento advenientes dum processo educativo sadio e equilibrado, fortalecedores da capacidade de opção, serão trunfos indissociáveis da mudança social sem a qual a Humanidade, enquanto tal, nunca atingirá os níveis de felicidade a que tem direito pelo simples facto de existir.

E não duvidemos por um momento sequer de que a hierarquia da felicidade seja superior à do progresso.

Sem comunicação e sem diálogo não pode haver solidariedade, que é também, fundamentalmente, um acto de amor.

Não é possível amar o que desconhecemos. Parece absolutamente necessário extirpar do nosso pensamento e dos nossos sentimentos todos os dogmatismos e maniqueísmos. Filiemo-nos nas mais diversas Associações. Quando pertencermos simultaneamente a mais do que uma, compreenderemos bastante melhor onde está a solução do conflito que eventualmente surja entre elas. E seremos sempre actores de tolerância e solidariedade, com capacidade negocial acrescida para fazer diminuir a intensidade dos conflitos sociais e, até, para apreciar se se trata de conflitos reais ou não. A maior parte dos conflitos modernos gera-se à volta de razões artificiais, *o conflito pelo conflito*. E, quando se tratar de conflitos reais, que cada um de nós saiba distinguir o essencial do supérfluo, onde começam e terminam os interesses vitais a defender a todo o custo e qual a área, normalmente extensa, em que são possíveis as negociações.

O homem é um ser inteligente, logo, um agente de diálogo e de solidariedade.

Este o verdadeiro segredo para um mundo melhor, de paz e harmonia universais.

Oxalá nos sintamos cada vez mais incomodados pelas carências, a nível nacional e internacional, com que a comunicação social nos presenteia constantemente.

E apostemos na crença de que um dia se poderá dizer, com toda a propriedade, que *"O pão, quando nasce, é para todos"*.

Portugal, Dezembro de 1994

joaquim evónio